CADERNOS MACAMBIRA

ISSN 2525-6580, Serrinha, Bahia - v.11, n. 2, 2026. https://doi.org/10.59033/cm.v11.i2.1832.
Anais do II Congresso de Educação do IF Baiano Campus Guanambi (CEIF)

ARTIGO / ARTICLE
Área temática: Formação de Professores e Práticas Pedagógicas

O bullying para além da vítima: perspectivas sobre o agressor

BULLYING BEYOND THE VICTIM: PERSPECTIVES ON THE AGGRESSOR

Inara dos Santos Coutinho[1], Jenifer Paes Teixeira[2], Marcos Oliveira Santos[3]

[1] Graduanda em Ciências Biológicas pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Baiano, *Campus* Guanambi. *Autora correspondente: inarasantoscoltinho@gmail.com.
[2] Graduanda em Ciências Biológicas pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Baiano, *Campus* Guanambi.
[3] Doutorando em Educação pelo PPGe da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Docente do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Baiano, *Campus* Guanambi.

Recebido: 07/10/2025 - **Revisado**: 15/10/2025 - **Aceito**: 24/04/2026 - **Publicado**: 09/05/2026

RESUMO: O presente estudo aborda o bullying como um fenômeno social e escolar de grande impacto no desenvolvimento cognitivo, emocional e socioeducacional de crianças e adolescentes. O objetivo foi compreender as causas que levam o agressor a praticar bullying e suas consequências nas relações interpessoais, considerando também o papel da escola e da família. A pesquisa foi qualitativa, exploratória e descritiva, com aplicação de questionário digital via Google Forms a dezessete docentes e uma psicóloga de diferentes municípios da Bahia. Os resultados indicaram que a maioria dos docentes não possui concepção consolidada sobre o bullying nem estratégias eficazes para sua prevenção, associando o comportamento agressivo a carências afetivas, ambientes familiares desestruturados e busca de status social. Conclui-se que o enfrentamento do bullying requer formação continuada dos educadores, políticas preventivas integradas e abordagem psicossocial que contemple tanto vítima quanto agressor.

Palavras-Chave: Formação docente. Intervenção psicossocial. Violência escolar.

ABSTRACT: This study addresses bullying as a social and educational phenomenon with a significant impact on the cognitive, emotional, and socio-educational development of children and adolescents. The objective was to understand the causes that lead the aggressor to practice bullying and the consequences for interpersonal relationships, also considering the role of schools and families. The research was qualitative, exploratory, and descriptive, using a digital questionnaire via Google Forms applied to seventeen teachers and one psychologist from different municipalities in Bahia, Brazil. The results indicated that most teachers do not have a consolidated understanding of bullying nor effective strategies for its prevention, associating aggressive behavior with affective deficiencies, dysfunctional family environments, and the search for social status. It is concluded that addressing bullying requires continuous teacher training, integrated preventive policies, and a psychosocial approach that considers both victims and aggressors.

Keywords: Psychosocial intervention. School violence. Teacher training.

INTRODUÇÃO

Este trabalho está licenciado sob uma Licença Internacional Creative Commons Attribution-NonCommercial-ShareAlike 4.0 International

Hodiernamente, um diferente tipo de violência no âmbito escolar vem obtendo espaço nas grandes mídias e ocasionando incômodo no corpo docente, pais e na comunidade em geral. Essa forma de cólera é denominada bullying, que pode ser definido como um episódio que ocorre por um longo período, podendo variar entre agressões verbais e físicas, discriminação, humilhação moral e psicológica. Vale ressaltar que esse ato não é recente nas escolas, no entanto, ele só adquiriu uma nomenclatura própria na década de 80, pelo norueguês Olweus (1993).

O bullying apresenta características marcantes: repetitividade, desequilíbrio de poder entre agressor e vítima e intencionalidade na ação de causar dano (Adams, 2017). Pesquisas indicam que até 30% dos estudantes podem ser vítimas de bullying durante a vida escolar, enquanto 10 a 15% se envolvem como agressores. No Brasil, estudos recentes apontam que cerca de 20% dos adolescentes relatam ter sofrido algum tipo de bullying na escola, evidenciando a gravidade e a necessidade de intervenções preventivas (Brasil, 2025).

Apesar de o bullying ocorrer como mais frequência no contexto das instituições escolares, ele não se configura em um problema apenas nesse ambiente, mas de toda a sociedade, visto ser um fenômeno que gera impasses em longo prazo, ocasionando graves malefícios ao psiquismo e ao desenvolvimento cognitivo, emocional e socioeducacional dos envolvidos (Malta *et al*., 2010).

Diversos fatores podem favorecer a prática do bullying, incluindo padrões familiares disfuncionais, ausência de limites claros, exposição à violência, influência de colegas e pressão social, além do impacto das redes sociais e mídias digitais, que ampliam e potencializam o alcance das agressões (Freire; Aires, 2012). Por isso, é fundamental compreender o bullying como um fenômeno complexo, que envolve múltiplas dimensões, psicológica, social, cultural e educacional, e não apenas episódios isolados de agressão.

Grande parte das pesquisas concentra-se na perspectiva da vítima, refletindo a mobilização das escolas para acolher crianças e adolescentes

submetidos a tais situações. No entanto, o agressor também requer atenção, considerando que seu comportamento pode ser resultado de contextos de vulnerabilidade social, emocional ou familiar (Freire; Aires, 2012).

Desse modo, este estudo propõe analisar, a partir das contribuições da Psicologia, as causas que levam o agressor a praticar o bullying e os efeitos negativos sobre suas relações interpessoais, desenvolvimento afetivo e social (Cremer, 2015).

No entanto, é válido ressaltar que não se procura justificar as atitudes hostis cometidas por ele com o outro. O verdadeiro propósito figura em humanizar as concepções em relação a esse autor, que também é uma vítima da sociedade, seja social, política ou familiar, na qual propõe modificações na forma de olhar para essa criança/adolescente. Além de contribuir com as escolas e professores que poderão lidar com essa situação de forma adequada e evitar repetições.

METODOLOGIA

A metodologia adotada neste estudo é qualitativa, exploratória e descritiva, com caráter investigativo e de campo, seguindo os pressupostos de Gil (2008), que enfatiza a importância da pesquisa qualitativa para compreender fenômenos sociais em sua complexidade. A pesquisa foi estruturada a partir de um levantamento de campo, permitindo interação direta com os participantes e observação contextualizada da realidade estudada.

Para a coleta de dados, foi utilizado um questionário digital via Google Forms, recurso adequado devido à dispersão geográfica dos participantes, provenientes de diferentes municípios. Participaram da pesquisa dezessete docentes e uma psicóloga, atuantes nos territórios de identidade baiana do Sertão Produtivo e de Vitória da Conquista, abrangendo os municípios de Guanambi, Caetité, Guirapá, Guajeru, Palmas de Monte Alto e Riacho de Santana. A seleção dos profissionais considerou experiência prática em instituições educacionais e atuação direta com crianças e adolescentes,

garantindo que as respostas refletissem vivências concretas e pertinentes ao tema investigado.

Os dados coletados foram submetidos à análise qualitativa, com ênfase na identificação de padrões, categorias temáticas e relações significativas entre as respostas. Para tanto, adotou-se a técnica de categorização temática proposta por Bardin (2016), que consiste em agrupar respostas semelhantes em categorias e subcategorias, permitindo uma interpretação detalhada das percepções e experiências dos profissionais entrevistados.

Essa abordagem integrativa, segundo Creswell (2014), possibilita articular teoria e prática, fornecendo suporte para a análise crítica dos dados empíricos e permitindo compreender os fatores que envolvem agressões escolares, tanto sob a perspectiva das vítimas quanto dos autores das condutas agressivas.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A pesquisa demonstrou que o bullying está presente de forma significativa nas instituições escolares analisadas, evidenciado pelo fato de que todos os docentes relataram ter presenciado episódios de agressão. Essa constatação é consistente com estudos que apontam a elevada incidência do fenômeno nas escolas, impactando diretamente o desenvolvimento socioemocional e cognitivo dos estudantes (Gama; Rodrigues, 2018).

Dos dezessete profissionais entrevistados, 12 associaram os autores do bullying a estudantes que buscam *status* social, reconhecimento ou se sentem superiores. Um docente exemplificou “geralmente são crianças maiores, populares e com condições financeiras.”

Por outro lado, 5 dos docentes indicaram que os agressores podem apresentar fragilidades familiares, o que reforça a visão da psicologia do desenvolvimento sobre a influência do ambiente doméstico na formação do comportamento infantil e adolescente (Lourenço; Senra, 2012). Um educador comentou “adolescentes, filhos de pais separados ou que convivem apenas com um membro da família ou já sofreram agressões em casa.”

De acordo com Freud (2012) e Winnicott (1983), o agressor pode desenvolver um comportamento reativo, externalizando dificuldades internas e sentimentos de frustração de forma agressiva. A psicóloga entrevistada complementou essa perspectiva, destacando que insegurança, carências afetivas e ausência de limites claros no ambiente familiar podem potencializar condutas agressivas "o ambiente familiar violento, a falta de atenção e cuidado seriam alguns dos porquês desta conduta hostil."

Fatores motivadores do comportamento agressivo

A análise das respostas permitiu identificar dois grandes grupos de fatores que influenciam a prática de bullying:

Problemas familiares e carência afetiva: 5 docentes destacaram que situações como negligência, ausência de vínculos afetivos e conflitos domésticos podem contribuir para a agressividade do aluno. Como destaca um educador, "geralmente o agressor é aquele que tem carência de atenção na família."

Para melhor exemplificar a fala dos professores, trazemos a teoria freudiana sobre a formação reativa do agressor, segundo a qual o comportamento violento pode surgir como uma tentativa inconsciente de ocultar dificuldades internas, transformando frustrações em atitudes agressivas. Assim, o ambiente familiar pode funcionar como um gatilho emocional, desencadeando tais condutas. Constatou-se que muitos autores de bullying apresentam comportamento provocador e intimidador, dificuldade em empatia e relações afetivas frágeis. Alguns especialistas descrevem o perfil dessas crianças como marcado por experiências de intimidação ou abuso doméstico, humilhações constantes ou pressões familiares excessivas.

Na perspectiva psicológica, o agressor pode ser interpretado como alguém inseguro, que sofre com vazios em sua formação emocional. Conforme relatado por uma psicóloga entrevistada, o ambiente familiar violento e a falta de atenção e cuidado estão entre as principais causas dessa conduta hostil. Esses achados corroboram estudos que indicam que crianças e adolescentes que vivem em ambientes desestruturados apresentam maior probabilidade de reproduzir comportamentos violentos (Gama; Rodrigues, 2018).

Soberba, intolerância e prazer em humilhar: 12 docentes apontaram que fatores como racismo, intolerância, gordofobia, busca de status e temperamento agressivo podem motivar o bullying. Um educador descreveu que "vem do temperamento do agressor, de tentar ferir a vítima, o prazer de ter a satisfação de humilhar o outro."

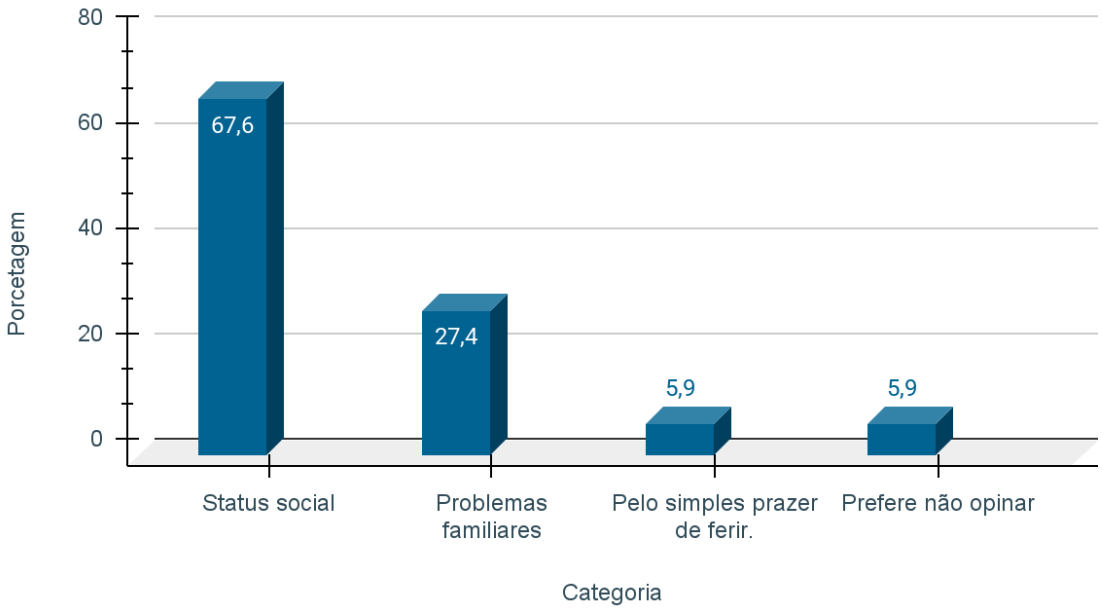
Segundo Cremer (2015), tais comportamentos podem se consolidar por meio do reforço social e da sensação de recompensa, em que o agressor se sente fortalecido ao provocar sofrimento no outro. Essa análise evidencia que o bullying não é apenas uma questão de impulso, mas envolve dimensões psicossociais complexas.

A fala da psicóloga entrevistada reforça essa perspectiva ao afirmar que "o perfil do autor se configura como de uma pessoa insegura, que sofre com vazios em sua formação. O ambiente familiar violento, a falta de atenção e cuidado seriam alguns dos porquês desta conduta hostil."

Essa análise evidencia que o comportamento agressivo não se reduz a uma questão disciplinar ou a um ato isolado, mas resulta de carências emocionais profundas e de contextos familiares desestruturados. Pesquisas corroboram essa conclusão ao apontar que crianças e adolescentes expostos à violência doméstica, negligência ou humilhações constantes apresentam maior probabilidade de reproduzir comportamentos violentos e intimidatórios no ambiente escolar (Martins; Almario, 2012).

Para facilitar a compreensão dos dados obtidos, foi elaborado a figura 1, que sintetiza a percepção dos educadores sobre o perfil do agressor. A visualização permite identificar que a maioria dos docentes associa o agressor à busca por status e popularidade.

Figura 1. Perfil do agressor conforme a percepção dos professores participantes da pesquisa.



Fonte: Dados da pesquisa (2022).

Medidas adotadas pelas escolas e lacunas institucionais

Em relação às ações pedagógicas adotadas diante do bullying, 11 dos 17 docentes relataram priorizar o diálogo com os agressores, buscando conscientizá-los sobre suas atitudes. Um dos profissionais comentou "chamamos para dialogar, na tentativa de refletir sobre as suas ações, deixando-o consciente das consequências que poderiam sofrer."

Por outro lado, seis docentes relataram recorrer a punições formais, muitas vezes centradas na aplicação de normas previstas no Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA). Um deles destacou que "ao identificar o autor da agressão, a escola automaticamente deve intervir e tomar medidas necessárias, cabendo a ela adotar punição socioeducativa."

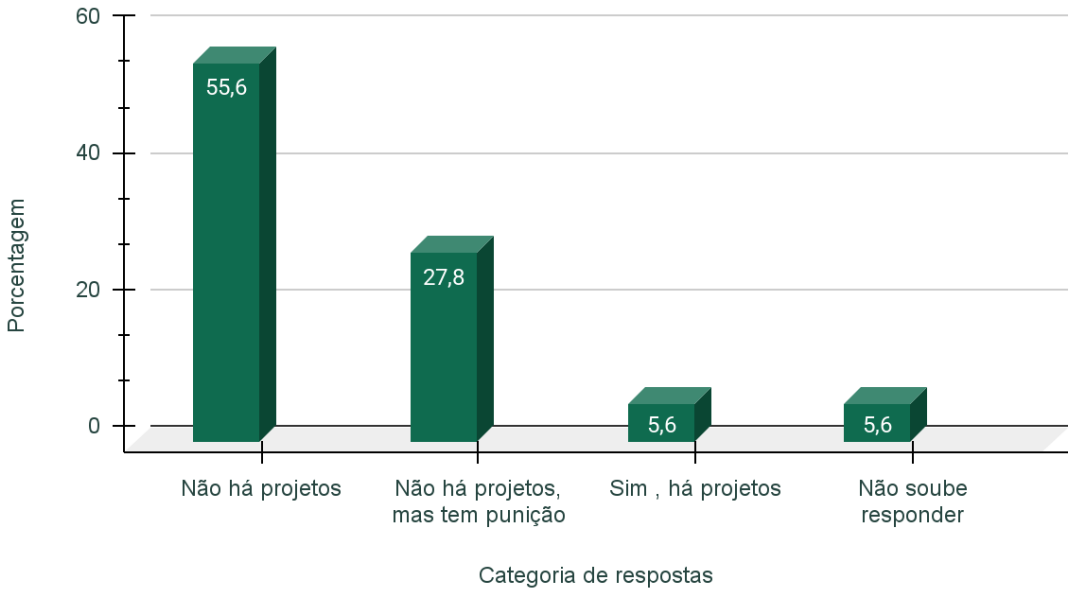
Essa falta de uniformidade nas estratégias escolares evidencia a fragilidade na preparação dos docentes para lidar com o bullying de forma preventiva e educativa. Estudos apontam que intervenções socioeducativas são mais eficazes que punições isoladas, pois promovem reflexão, empatia e mudanças comportamentais (Freire; Aires, 2012).

Além disso, verificou-se que 10 dos 17 docentes desconheciam projetos estruturados voltados para o agressor, reforçando lacunas na implementação de

políticas preventivas e programas de intervenção socioemocional (Dias; Patias; Abaid, 2014).

Para facilitar a compreensão e a visualização dos dados obtidos, elaborou-se a figura 2, que organiza em categorias as respostas dos docentes “Não há projetos”, “Não há projetos, mas há punições”, “Sim, existem projetos” e “Não soube responder”.

Figura 2. Percepção dos docentes sobre medidas escolares e projetos de prevenção ao bullying voltados ao agressor.



Fonte: Dados da pesquisa (2022).

Diante das construções analíticas produzidas pela pesquisa, percebe-se uma certa inexperiência e desconforto dos professores em lidar com o tema. Alguns relataram não se sentir capacitados para abordar o assunto, mesmo após anos de carreira, evidenciando o despreparo do sistema educacional no enfrentamento do bullying. Observou-se também que a intimidação sistemática entre alunos ainda não está suficientemente esclarecida para os docentes, embora desde 2016 exista uma lei que torna obrigatória a prevenção e o combate dessa prática.

O Art. 4º da Lei Nº 13.185 estabelece diretrizes importantes, destacando: Capacitar docentes e equipes pedagógicas para implementar ações de discussão, prevenção, orientação e solução do problema; Oferecer assistência

psicológica, social e jurídica às vítimas e aos agressores; Evitar, tanto quanto possível, a punição dos agressores, privilegiando mecanismos alternativos que promovam responsabilização efetiva e mudança de comportamento hostil (BRASIL, 2015).

Esses dispositivos legais reforçam a necessidade de políticas escolares integradas e orientadas pela prevenção, alinhando ações pedagógicas, psicológicas e sociais, e evidenciam que a formação docente é essencial para enfrentar o bullying de maneira eficaz e educativa.

Importância da psicologia escolar

Todos os participantes reconheceram a relevância da psicologia escolar na prevenção e intervenção do bullying, mas destacaram limitações estruturais e orçamentárias “a escola onde leciono às vezes não tem funcionário para servir a merenda. Para haver psicopedagogia, seria necessário algum projeto desenvolvido pelos professores juntamente com o Estado.” Outro docente abordou que “seria um pouco impossível em uma escola pública, visto que não há infraestrutura.”

A psicóloga entrevistada enfatizou que intervenções precoces são essenciais, de modo que comportamentos inadequados possam ser identificados ainda na infância, prevenindo problemas mais graves na adolescência (Freire; Aires, 2012). Essa abordagem é consistente com a literatura, que indica que a detecção e intervenção precoce são cruciais para o desenvolvimento socioemocional e acadêmico saudável (Andaló, 1984).

Os resultados desta pesquisa revelam que o bullying escolar é um fenômeno multifatorial, caracterizado por uma complexa interação entre fatores individuais, familiares e sociais. As falas dos profissionais indicam que a atenção institucional frequentemente se concentra na vítima, deixando o agressor em segundo plano.

No entanto, como apontam os relatos, o agressor também exige acompanhamento pedagógico e psicológico, dado que frequentemente manifesta dificuldades emocionais, déficits de empatia e modelos de comportamento aprendidos no contexto familiar ou social. Um dos profissionais

observou "o agressor muitas vezes é invisível para a escola; tratá-lo apenas como problema disciplinar não resolve a questão."

Essa percepção converge com estudos de Adams (2017), que ressaltam a necessidade de compreender o bullying não apenas como um ato isolado de agressão, mas como uma manifestação de relações sociais desequilibradas, que requerem intervenção preventiva e integrativa. A literatura enfatiza que a focalização exclusiva na vítima pode gerar medidas paliativas, mas não modifica padrões comportamentais ou contextuais que sustentam o ciclo de violência.

Outro aspecto relevante identificado na pesquisa foi a discrepância nas estratégias adotadas pelas instituições escolares. Enquanto alguns profissionais relatam a adoção de diálogos e mediação de conflitos, outros destacam a prevalência de medidas punitivas.

Essa heterogeneidade reflete a ausência de políticas institucionais claras e programas preventivos estruturados, evidenciando lacunas na formação docente e na articulação interdisciplinar entre psicologia, pedagogia e serviço social. Um docente afirmou: "Às vezes tentamos conversar, outras vezes aplicamos punição. Falta um direcionamento único que seja baseado em evidências."

Já na perspectiva da psicóloga é necessário conhecer o ambiente familiar do agressor, observar suas dificuldades e necessidades, ou seja, o tratamento que recebe. Ela destaca que, a escola precisa cada vez mais se atentar não somente ao ensino dos objetos de conhecimento, mas acima de tudo trabalhar as relações interpessoais, a aceitação e respeito para com o outro.

A discussão sobre o papel do ambiente familiar mostrou-se igualmente complexa. As falas indicam que estilos parentais autoritários ou negligentes, bem como a falta de comunicação sobre valores como empatia e respeito, podem contribuir para comportamentos agressivos entre alunos.

Isso corrobora estudos clássicos que apontam a família como espaço fundamental na socialização das normas sociais e emocionais (Freire; Aires, 2012). Ao mesmo tempo, o ambiente escolar deve ser entendido como um espaço que não apenas identifica conflitos, mas proporciona experiências de

aprendizagem socioemocional, capazes de modificar atitudes e fortalecer competências interpessoais.

Outro ponto que emergiu foi a importância de programas de conscientização contínuos e estratégias socioeducativas. Esses programas, quando implementados de forma sistemática, promovem resiliência, empatia e habilidades de resolução pacífica de conflitos. Os profissionais entrevistados reforçam que ações isoladas ou pontuais têm efeito limitado; a prevenção eficaz depende de uma abordagem integrada, envolvendo escola, família e comunidade.

Por fim, os achados indicam que a abordagem do bullying deve transcender a punição. É necessário um olhar que compreenda o contexto socioemocional do aluno, as relações familiares e o impacto das normas culturais vigentes. A integração entre políticas públicas, formação docente, acompanhamento psicológico e estratégias pedagógicas é essencial para romper ciclos de agressão, prevenir novos episódios e promover um clima escolar positivo, beneficiando tanto vítimas quanto agressores.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Infere-se, portanto, que a partir da pesquisa realizada, verificou-se que a maioria dos docentes entrevistados não apresenta uma concepção clara e consolidada sobre o fenômeno do bullying. Essa ausência de definição não se limita apenas ao conceito, mas também se estende às estratégias de prevenção e combate. Apesar de demonstrarem preocupação com o tema e uma postura de abertura para novas aprendizagens, os professores relataram que a formação inicial e continuada que receberam não oferece subsídios suficientes para lidar com situações de bullying de forma eficaz.

Esse dado reforça o que diversos autores apontam: a formação docente, muitas vezes, carece de discussões aprofundadas sobre temas socioemocionais e de convivência escolar, limitando-se a abordagens pontuais ou superficiais. Como consequência, mesmo professores experientes se sentem inseguros ou

desamparados para intervir em casos de violência entre pares, o que pode agravar a situação e comprometer o ambiente escolar.

Outro ponto relevante identificado na pesquisa é que acadêmicos e profissionais já inseridos no mercado de trabalho também demonstraram lacunas importantes no conhecimento sobre o tema. Isso sugere que não apenas a formação inicial é insuficiente, mas que também há carência de programas permanentes de capacitação.

Esses achados indicam que o bullying não deve ser entendido exclusivamente como um fenômeno escolar, mas como uma questão social complexa que repercute diretamente no processo de ensino-aprendizagem. As consequências para a vítima podem incluir queda no rendimento escolar, isolamento, sofrimento psicológico e, em casos graves, evasão escolar.

Já em relação ao agressor, é fundamental aprofundar as investigações, pois compreender suas motivações e contextos é essencial para evitar a reprodução de comportamentos violentos. Intervenções punitivas isoladas são pouco efetivas se não forem acompanhadas de estratégias pedagógicas e psicossociais.

Essa reflexão evidencia que o enfrentamento do bullying deve ser compreendido como um esforço coletivo, que ultrapassa o papel isolado do professor e envolve escola, família, políticas públicas e sociedade civil.

AGRADECIMENTOS

Agradeço ao Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Baiano – *Campus* Guanambi e ao curso de Licenciatura em Ciências Biológicas, por possibilitar a execução deste trabalho, e a todos os participantes da pesquisa, cuja colaboração foi essencial para a realização deste estudo.

REFERÊNCIAS

ADAMS, T. M. **How chronic violence affects human development, social relations, and the practice of citizenship**: a systemic framework for action. Washington, DC: Woodrow Wilson International Center for Scholars; 2017.

ANDALÓ, C. S. A. O papel do psicólogo escolar. **Psicologia: Ciência e Profissão**, v.4, n. 1, 1984. DOI: https://doi.org/10.1590/S1414-98931984000100009.

BARDIN, L. **Análise de Conteúdo.** São Paulo: Edições 70, 2016.

BRASIL. Ministério da Educação. **2º Boletim Técnico "Escola que Protege:** Dados sobre Bullying e Cyberbullying". 1. ed. Curitiba: MEC, 2025. Disponível em: https://www.gov.br/mec/pt-br/escola-que-protege/segundo-boletim-tecnico-escola-que-protege.pdf. Acesso em: 30 set. 2025.

BRASIL. **Lei nº 13.185**, de 6 de novembro de 2015. Planalto. Novembro, 2015. Disponível em http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2015/lei/l13185.html. Acesso em: 30 set. 2025.

CREMER, E. "Bullying": a violência na escola contemporânea sob o enfoque da abordagem gestáltica. **IGT na Rede**, v. 12, n. 22, 2015. Disponível em: https://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1807-25262015000100007. Acesso em: 30 set. 2025.

CRESWELL, J. W. **Investigação qualitativa e projeto de pesquisa**: escolhendo entre cinco abordagens. Porto Alegre, RS: Penso, 2014.

DIAS, A. C. G.; PATIAS, N. D.; ABAID, J. L. W. Psicologia Escolar e possibilidades na atuação do psicólogo: algumas reflexões. **Psicol. Esc. Educ., v. 18, n. 1, 2014**. DOI: https://doi.org/10.1590/S1413-85572014000100011.

FREIRE, A. N.; AIRES, J. S. A contribuição da psicologia escolar na prevenção e no enfrentamento do Bullying. **Psicol. Esc. Educ.**, v. 16, n. 1, p. 55-60, 2012. DOI: https://doi.org/10.1590/S1413-85572012000100006.

FREUD, S. Sobre a psicologia do colegial. In: FREUD, S. **Totem e tabu**: contribuição à história do movimento psicanalítico e outros textos (1912-1914). São Paulo: Companhia das Letras, 2012. p. 418-423.

GAMA, U. A. A; RODRIGUES, A.P. Um breve estudo do perfil psicanalítico do bully ou agressor. **Revista Científica Multidisciplinar Núcleo do Conhecimento**. v. 06, p. 05-16, 2018. DOI: https://doi.org/10.32749/nucleodoconhecimento.com.br/psicologia/perfil-psicanalitico-do-bully.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008. Disponível em: https://ayanrafael.files.wordpress.com/2011/08/gil-a-c-mc3a9todos-e-tc3a9cnicas-de-pesquisa-social.pdf. Acesso em: 30 set. 2025.

LOURENCO, L. M.; SENRA, L. X. A violência familiar como fator de risco para o "bullying" escolar: contexto e possibilidades de intervenção. **Aletheia**, Canoas, n. 37, p. 42-56, abr. 2012. Disponível em: https://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-03942012000100004. Acesso em: 30 set. 2025.

MALTA, D. C. *et al*. Vivência de violência entre escolares brasileiros: resultados da Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar (PeNSE). **Ciênc. saúde coletiva**, v. 15, n. suppl 2, p. 3053-3063, 2010. DOI: https://doi.org/10.1590/S1413-81232010000800010.

MARTINS, N. V.; ALMARIO, A. "Bullying": uma perspectiva sobre o agressor. **Revista da Universidade Ibirapuera**, v. 4, p. 17-21, 2012. Disponível em: https://www.ibirapuera.br/seer/index.php/rev/article/view/30. Acesso em: 30 set. 2025.

OLWEUS, D. **Bullying at school**: What we know and what we can do. London, Lackwell, 1993. 140 p.

WINNICOTT, D. W. Distorções do ego em termos de falso e verdadeiro "self". In: WINNICOTT, D. W. **O ambiente e os processos de maturação**: estudos sobre a teoria do desenvolvimento emocional. Porto Alegre: Artmed, 1983. p. 128-139. (Trabalho original publicado em 1960).